

Intenção de Sarney é "profissionalizar" o tratamento da dívida

por Claudia Safatle
de Brasília

A intenção do presidente José Sarney ao decidir criar a Comissão de Assessoramento da Dívida Externa foi de "profissionalizar" o tratamento da questão da dívida externa brasileira. A Comissão, presidida pelo ministro da Fazenda, Dilson Funaro, e tendo o ex-chanceler Ramiro Saraiva Guerreiro como embaixador extraordinário, caberá a formulação das propostas de negociação, a avaliação das contrapropostas, ditar as instruções ao negociador, que será o ex-chanceler, e fixar o calendário das conversações com os credores.

A idéia da criação da Comissão nasceu do presidente Sarney e foi comunicada ao Conselho de Segurança Nacional, quando da reunião que decretou a suspensão dos pagamentos de juros da dívida de médio e longo prazos junto aos bancos privados internacionais. A execução da tarefa de montar a Comissão coube ao embaixador Rubens Ricúpero e três nomes fizeram parte da lista de alternativas levada ao presidente: do embaixador Sérgio Corrêa da Costa, do embaixador Paulo Nogueira Batista e do ex-chanceler Saraiva Guerreiro, todos diplomatas.

A tese que norteou a escolha pelo Palácio do Planalto foi de que os diplomatas, pelos ossos do ofício, são treinados para negociar. "Em geral o diplomata negociador não se impressiona, não se intimida, fala vários idiomas, enfim, é preparado para isso", observa um assessor muito próximo ao presidente da República, ligado às articulações em torno da negociação da dívida externa.

A tese de que o negociador não deve ser formulador de políticas está nos manuais de técnicas de negociação, como, por exemplo, no livro "A Estratégia do Conflito", do norte-americano Thomas Sche-

ling, da Universidade de Harvard, citado por esse mesmo assessor do Palácio do Planalto a este jornal. Essa teria sido a razão principal para separar o ministro da Fazenda do processo de negociação com os credores.

Essa tática serviria para preservar Funaro. Afinal, como ministro da Fazenda e sentado à mesa com os credores, Funaro estaria sujeito a pressões de todo o tipo, lembra a fonte citando como exemplo a exigência de medidas recessivas e de uma maxidesvalorização de 30%, que poderia ser feita pelos credores ao ministro, que teria uma certa autonomia de voto para deliberar sobre questões desse tipo, enquanto o embaixador extraordinário estará trabalhando sob instruções de uma comissão e não terá amplos poderes decisórios, sem ouvir a comissão.

A idéia que norteou a escolha de Guerreiro é de que ele é um ex-chanceler "imperturbável", que não está no comando de um outro cargo que envolva negociações internacionais, como embaixador no GATT ou CEE, embora já tenha passado por essas experiências, que foi o único ministro da gestão do presidente João Figueiredo que arrancou um elogio do ex-presidente Tancredo Neves, que, em entrevista a jornalistas, no National Press Club, em Washington, se referiu à área de política externa da gestão passada como o único setor que conseguiu consenso dentro e fora do governo Figueiredo.

A intenção do presidente Sarney é fazer de Saraiva Guerreiro um nome "um pouco além do bem e do mal", no mesmo molde do que os norte-americanos utilizam de que eles denominam "senior states man", um negociador veterano, tal como Ellsworth Bunker foi escolhido aos 84 anos para resolver o contencioso do Canal do Panamá, e deu certo.